Valdelice Nunes

Deixe Que Eu Conto!



Valdelice Nunes

Deixe Que Eu Conto!

Jofráseo-Editora

Luanda, 2022
Copyright: Valdelice Nunes, 2022

Todos os direitos reservados a Jøfráseø - Editora.
Você não pode copiar, exibir, executar, criar obras derivadas nem fazer uso comercial desta obra sem a devida permissão da editora.

Título: Deixe Que Eu Conto!
Gênero: Conto
Autora: Valdelice Nunes
Edição: Eufrásio S'teper & Jóseo Tshespiry
Revisão: Eufrasio S'teper & Luduvina Zamúdia
Imagem de capa: Pinterest
Design de capa: Eufrásio S'teper
Conversão e-book: Jøfráseø – Editora
ISBN: 978-989-33-3011-1

Contatos da Autora

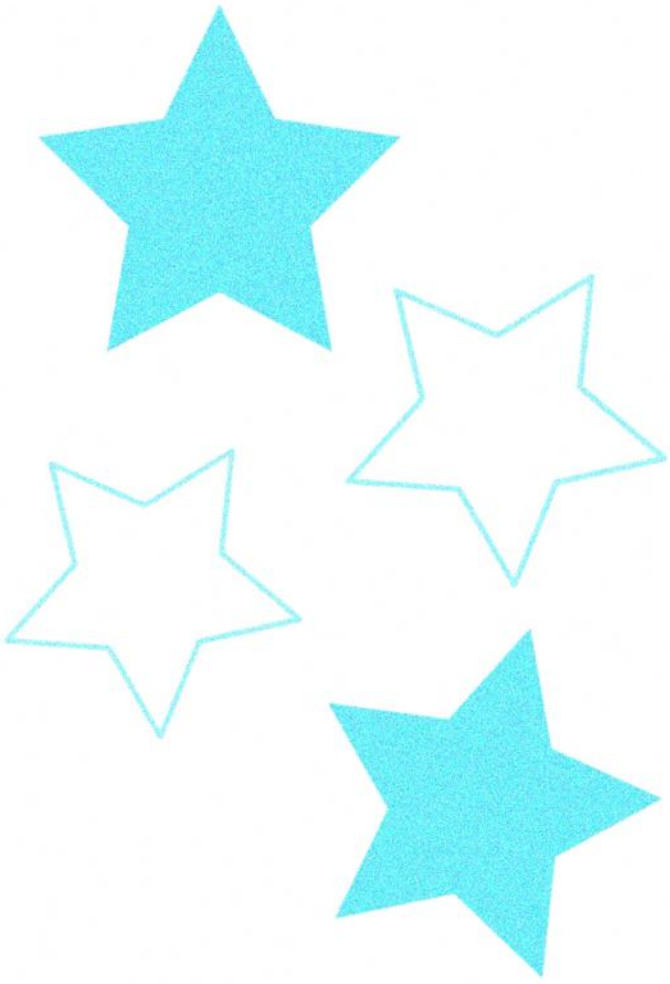
E-mail ⓔ: **mariavaldelicenunesvall@gmail.com**
WhatsApp ⓦ: +55 64 9 8439-6046
Instagram ⓘ: **@valdelicee.nunes**
Facebookⓕ: Valdelice Nunes
Blog: https://poetizarpravariar.blo-gspot.com/?m=1

Contatos da Editora

Whatsapp ⓦ: (+244) 926230218
Instagram ⓘ: **@jofraseo_editora**
E-mail ⓔ: Jofraseoeditora@gmail.com
Facebook ⓕ: Jøfráseø - Editora

Dedicatória

A você que não deixa de acreditar em si mesmo, independentemente dos desafios enfrentados e dos muitos julgamentos.

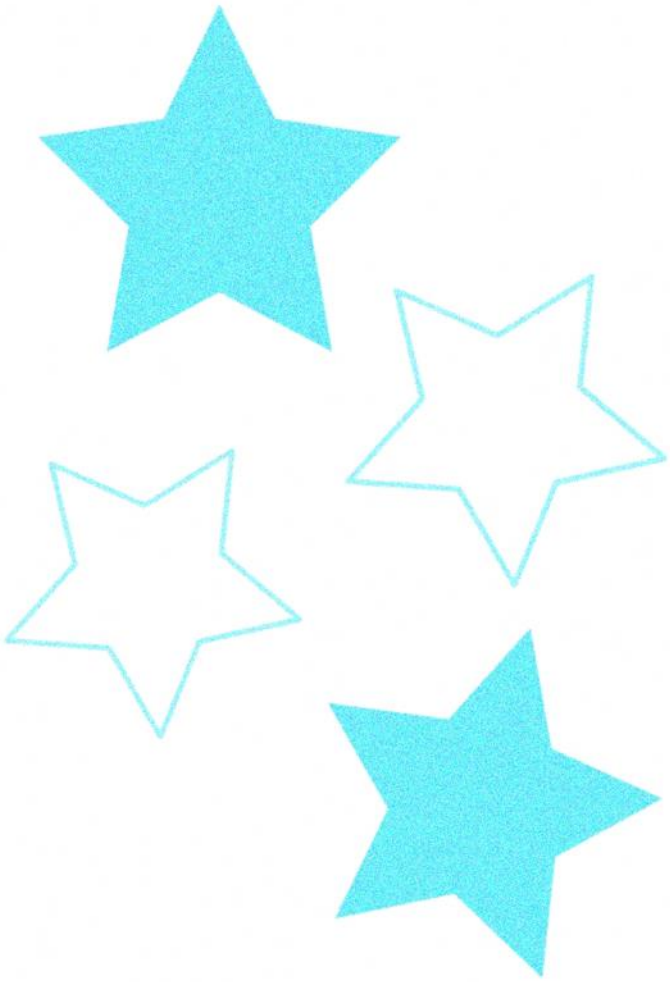


Agradecimentos

Agradeço a cada leitor que me trouxe as muitas oportunidades de mostrar minha escrita, de me fazer buscar desenvolver minhas habilidades cada dia melhor. Obrigada a cada pessoa que acredita em mim e no meu talento.

Também a cada convite recebido para desenvolver algum projeto. Sou muito grata a esta editora, por juntar sua marca ao meu nome.

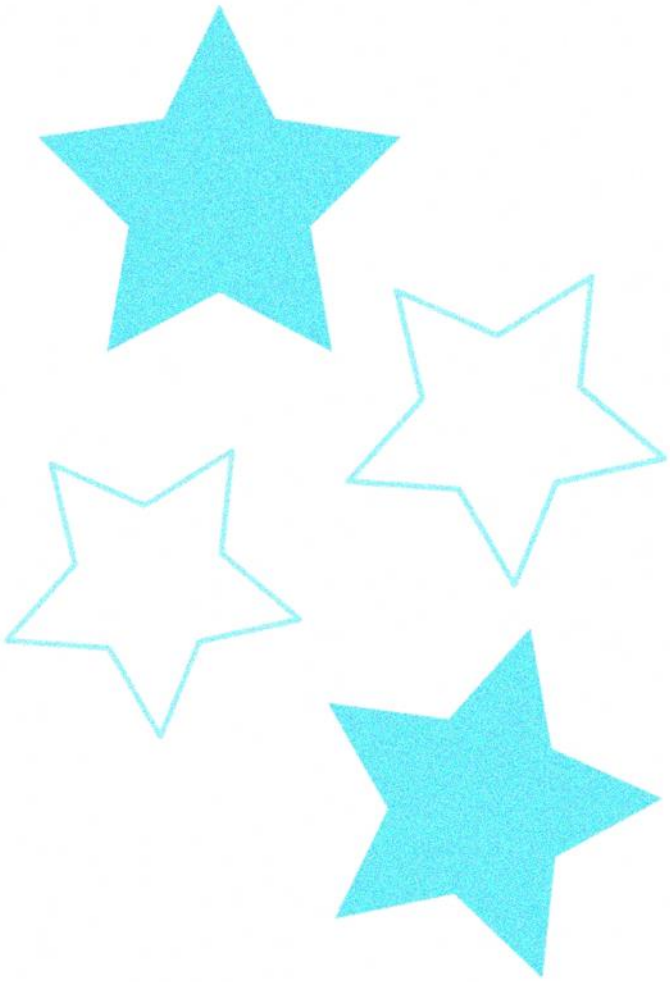
Todos vocês, ainda que somente leia o que público, são o meu principal termômetro literário. Por isso deixo aqui o meu muitíssimo obrigada!



DEIXE QUE EU CONTO!

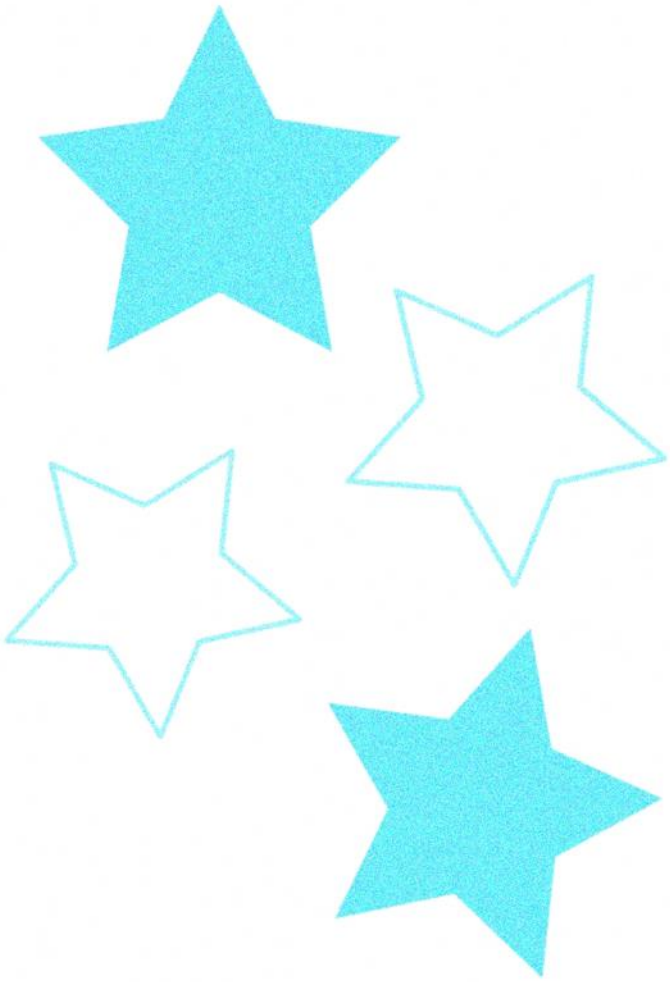
Reúne três contos com linguagem acessível do povo brasileiro. Para mostrar situações reais vividas por pessoas simples. Portanto, *DEIXE QUE EU CONTO* traz um olhar pessoal. Uma forma própria de quem sente a situação.

Aqui é apresentado um modo de vida da maioria das pessoas que gostam de contar a própria história nas mídias ou comentar o que ouviu e viu por aí. Permitindo-nos refletir nossas próprias ações. E o modo como nos comportamos diante dos acontecimentos. As lições do dia a dia. O quanto podemos aprender abraçando as situações, ao invés de negá-las.



ÍNDICE

ACABOU……..……..……8
FIBROCITTY…….....17
HOJE PARECE DOMINGO……....…….…….....22
ALGUMAS INFORMAÇÕES…….…….…..25
BIOGRAFIA…….…….…….…….....….26
QUEM SOMOS?....……...…….....27





"Quando as incertezas se fazem presentes, o amor deixa o outro livre para prosseguir. "

ACABOU!

Ela me desejou toda a felicidade do mundo. Disse que com mentiras não podíamos prosseguir.

Virei as costas em silêncio, não queria nem me permitiria ser fraco.

Eu só havia me afastado uns poucos metros do portão da casa dela, e já doía tanto!

Não tinha a mínima ideia de como iria conviver com aquela ausência. Ignorei meus sentimentos, abri a porta do carro, não demorei a dar partida. Enquanto dirigia meu Gol Gti 8v, pensava como seria dali em diante. Tomado pela raiva esbraveja palavras nem um pouquinho bonitas. Ela que ficasse suas manias de saber tudo.

Não sei como, mas quase nunca errava. Eu odeio admitir, mas ela sabe mesmo o que diz.

- Oi Gina, quero dizer Regina.
- Olá Camilo! Ainda no trabalho?
- Não, hoje só trabalhei meio período. Estou a caminho de sua casa.
- Então venha, a gente precisa de mais tempo juntos.
- Acho que isso logo deixará de ser um problema para a gente.
- Acha ou tem certeza? Não quero mais desculpas que eu finjo acreditar.
- Faz assim, vamos ver onde isso vai dá!
- Tenho sido paciente, mas tudo acaba em algum momento. (Frisou Regina)
- Gina, preciso desligar. Estou dirigindo. Já chego aí.

Eu precisava acabar com isso. Não estou nem sou uma mulher desesperada por sexo. Homens pensam que sexo é tudo. E onde fica o respeito?

Eu tenho uma dose bem elevada de amor próprio, graças a Deus!

O problema da pessoa que mente é pensar que todo mundo, menos ela, é burro, e ainda fica indignada ao ser descoberta na mentirada toda. Eu cansei, não preciso de um relacionamento com tanta falta de respeito.

Despertei das minhas divagações com o telefone tocando.

- Sônia, menina, são quase uma da madrugada!
- Precisei te ligar...ele deve estar me xingando toda não é Edinha?!
- Ele não vai mais dormir aqui, acabou.
- Você teve coragem de chutar aquele malandro?
- Tudo acaba, por mais que dure.
- Edna, sei que você está sofrendo...não quis te machucar ainda mais.
- Tudo bem Sônia, pode falar porque PRECISOU ligar.
- Para te lembrar do seminário, será no próximo Sábado, às 13:00 horas.

- Ainda tenho quatro dias para arrumar tudo. Você passa aqui e a gente vai juntas?

- Combinado. Mas, me diga só uma coisa…

- Fale de uma vez Sônia!

- O sujeito admitiu ter outra pessoa entre vocês?

- Isso, agora é problema para uma certa Gina, que vive mandando mensagens para ele.

- Descobriu quem é ela? Pesquisou no Facebook?

- Ela não mostra a cara, como muita gente por lá. Vi o perfil dela...tem aproximadamente minha idade e trabalha para um jornal digital.

- Então, o novinho desavergonhado só quer dá prazer para as maduras. Sabia!

- Ele pode fazer o que quiser. Mas comigo, não permito!

- Assim que se fala Edinha. Deixe o malandro para lá, com a mulher do perfil borboleta de asas transparentes...

- Sônia, somos crescidinhos para perder tempo com discussões que não vão chegar a um entendimento algum.

- Isso mermo amiga! Você não é de gastar palavras mermo.

- Agora bora dormir sua loca!

- Até Sábado amiga! Se cuide, não deixe o malandro te maltratar assim.

- Acabei de te dizer que acabou, você nunca me escuta sua maluquete.

Estava a pouco mais de dois metros do condomínio onde Gina mora o coração estava doendo e a mente fervilhando. Não conhecia tudo que estava sentindo.

Edna nem visualizou as mensagens que mandei.

Resolvi não descer do carro. Não tinha clima para estar com ninguém.

Dei a volta no quarteirão e fui até a praia. Quem sabe o som das ondas me trouxesse a paz que meu espírito pedia.

Quando dei por mim, estava na praia e nela Edna também estava, assim como no carro, no telefone, lá na minha casa… ela sempre ocupou todos os espaços.

E agora que tudo estava terminado, ela não saía de mim.

Talvez fosse mesmo culpado. Eu nunca tinha parado para pensar em tudo. No nosso começo e na importância dela tudo.

Sentado na areia, ouvindo os sons da madrugada percebi que fui mesmo desonesto. Era difícil admitir até para mim mesmo.

Edna é meu paraíso, ela tem mesmo personalidade forte. Mas tem a docilidade de anjo misturada com uma sensualidade de enlouquecer. Tudo isso em um metro e meio de altura, olhos claros, cachos dourados, e uma vivência longa que não fez dela

uma senhora. Era sempre moleca. Foi essa moleca que me fez homem. Eu nunca mais fui o mesmo depois de a conhecer e fazer dela minha mulher.

O telefone tocou, era o alarme. O dia estava claro. Eu ainda precisava ir em casa, tomar banho para ir trabalhar.

No Sábado, Sônia veio logo cedo para irmos ao seminário. Era preciso fazer tudo cedo. Então limpamos a casa e fizemos um almoço improvisado com as sobras que tinha na geladeira.

Por volta das onze e vinte estávamos no ponto de ônibus. No final de semana, os ônibus rodam reduzidos a cada uma hora e meia. Mas para nossa sorte, chegamos lá e o ônibus não demorou a aparecer.

Então, precisamente às doze e trinta e cinco, estávamos na recepção do Hotel Central, onde seria realizado o seminário de Artes e Escrita nas Redes Sociais.

Fomos recepcionadas por um belo jovem negro, educado e muito atento.

- Boa tarde senhoras, por favor documentos de identificação e o comprovante da inscrição.
- Aah, um instante...ainda bem que não tem uma fila enorme. (Disse Sônia, olhando em volta do salão)
- Gosto quando os eventos são bem organizados. Passa tranquilidade. (Acrescentei)
- Tudo foi providenciado, senhoras, para deixar os participantes confortáveis.
- Acredito que o jovem negro, alto, deve ter uns vinte e seis anos, lá fora, encostado em um carro antigo, deve conhecê-las. Está nos olhando faz algum tempo.
- Nem vou olhar-falei em tom quase de sussurro-para evitar confusão. Obrigada por avisar.

Virei para Sônia e disse que a gente já devia estar bem acomodada no auditório.

No percurso, Sônia disse que sabia que era Ravi. Só podia ser ele, me observando de longe.

- Edinha, tome cuidado!
- Com o que sua loca?!
- Com Ravi. Ele pode não ter aceitado o fim. Mesmo estando com outra mulher.
- Ravi...não é violento. Teimoso sim, não violento. -Nunca se sabe amiga!
- Sei que nunca conhecemos uma pessoa, por mais tempo que permaneçam juntas. Mas, foram quase cinco anos. Ele nunca foi agressivo.
- Melhor abrir bem os olhos Edinha!

Eu queria arrebentar a cara daquele recepcionista. Não por achar Edna uma deusa. Mas por tê-la olhado daquele jeito, quando elas foram para o auditório.

Um homem entende aquele tipo de olhada. A viu como uma piriguete ou qualquer coisa assim.

Ela estava muito elegante, como sempre. Sabe o que vestir. Sempre com simplicidade. Tudo em tons azul, que ia do celeste ao escuro da bolsa envelope.

Cabelos presos no alto da cabeça, sandálias sem salto e um macacão bem soltinho. Ela adora conforto e isso a deixa muito elegante. E realça sua pele clara.

Não me viu ao descer do ônibus. Nem Sônia, mas ela deu uma rápida olhada na minha direção. Conversavam animadamente sobre o almoço e a faxina na casa.

Esperei uns minutinhos e me encaminhei até a recepção. Fui atendido com muita presteza. O sujeito me disse para onde ir e como encontrar meu assento.

Por volta dos treze e quinze minutos, a palestrante começou a apresentar o curso de escrita intensivo para o público das redes sociais. No meu silêncio, disse que seria uma chatice aquela tarde.

Tudo só estaria finalizado lá pelas vinte e uma horas.

Eu sabia que agregar conhecimentos não me faria mal. E também tinha interesse pessoal em saber mais do assunto.

Desde aquela noite de Terça-feira, eu não estava tão perto da mulher que amo. A saudade estava me arrebentando.

Nunca tinha ficado tanto tempo longe dela, desde que começamos a namorar.

Às dezoito horas foi servido um coffee no hall do hotel. Tivemos intervalo de vinte minutos, para dar sequência aos estudos.

Confesso que me surpreendi e me interessei pela área, pelas profissões que fazem uso da criação por meio das palavras. Dos textos multimídias.

Enquanto a palestrante fazia sua apresentação, comecei a tirar fotos do ambiente, dos textos espalhados pelo auditório. Que tinha como objetivo despertar a atenção dos presentes e instigar os questionamentos.

Eu, até então, só tinha interesse por mecânica. É o que faço. Trabalho principalmente com carros usados e antigos. Minha paixão.

Descobri um mundo novo, onde poderei escrever sobre carros e muitas outras possibilidades.

Até em fase temporária de separação, ela só me faz bem. Foi para conhecer o mundo literário dela que aceitei o convite da Gina para o evento.

Não havia levado nada para anotar. Mas tirei fotos e fiz áudios para fazer os registros em casa.

Terminado o seminário, Sônia e eu chamamos um 99. Não era seguro ficar num ponto de ônibus quase às dez da noite.

Ao chegar na entrada do hotel, vimos Ravi. Sônia me olhou como se dissesse: “Viu que ele está nos

Espionando! ”

Meu coração quase parou, ele todo lindo usando Jeans preta, tênis azul escuro e uma camisa estampada.

- Estou vendo você toda derretida com o bonito!
- Sônia...não se esquece em menos de cinco dias, uma vida a dois que durou quatro anos e nove meses.
- Sei disso. Só tome cuidado, depois estar pelos cantos triste!
- Vou tomar cuidado. (Falei num sussurro para não chamar atenção) Ele disse qualquer coisa para as pessoas com quem conversava, se despediu e veio na nossa direção.
- Vamos...levo vocês em casa! -A gente já chamou 99, obrigada.

Disse Sônia, toda animada.

- Prontooo, você vai no 99. Edna vai comigo!
- Como assim, eu vou com você?!
- Não vou te deixar sozinha na rua a essa hora, meu amor.

Segurou minha mão, disse para Sônia ficar tranquila, pois a gente não sairia dali até o 99 chegar. Mas, precisava de mim com ele por uns minutinhos. Estava me levando para perto do carro quando Sônia falou:

- E sua namorada, ô bonito?!
- Tenho mulher e ela está aqui do meu lado, sua metida!
- Os dois, pare com isso!
- Meu amor, essa sua amiga se mete demais entre nós.
- Ela tem razão, você e a Gina, que é a palestrante do seminário (por coincidência ou não), tinham ou têm o quê?

- Edna, vamos, em casa falamos sobre tudo! Prometo esclarecer tudo.
- Não deixe ele te enrolar de novo, Edinha.
- Cale essa sua boca Sônia, minha mulher sabe se defender sozinha.
- E sei mermo!

Quando o 99 chegou, nos despedimos de Sônia. Pedi que ela ligasse para dizer que chegou bem e que estava segura.

Sônia Maria Froes, minha amiga desde o ensino fundamental. Somos sócias, ela é moderadora no nosso grupo ESCREVA COM TERNURA E ATENÇÃO.

Ravi só soltou minha mão para dirigir. Eu não sabia como agir, ele me magnetiza.

Fomos para casa. A noite seria longa. Mas, aos domingos ele tem folga. Eu trabalho em casa, minha folga depende da minha necessidade.

Então a professora Regina Couto Sandes é a Gina que te ligava e mandava mensagens o tempo todo no WhatsApp?!

- A gente se conheceu há quase um mês, quando o carro dela teve um probleminha próximo da oficina.
- Era horário de almoço, eu tinha ido comprar a quentinha. Vi como ela estava aperreada e fui ajudar…
- Sim, chamou ajuda e ela te agradeceu te levando para cama dela…
- Naquela tarde, agradeceu me dando cortesia para o seminário. O resto veio depois que eu fiquei chateado com você o tempo todo nesse grupo de escrita de contos infantil…
- Lembro, você disse que o administrador do grupo com o qual eu buscava parceria, estava dando em cima de mim…
- Sou escritora, tenho um blog e gerencio um grupo, por isso tenho que falar com pessoas o tempo todo.
- Sei e não vou mais pensar o que pensei. Agora compreendo que criar exige tempo, pesquisa, troca de ideias com outras pessoas da área.
- Durante o seminário tive vários insights...vamos escrever um conto sobre carros. Eu e você, também vamos ilustrar!
- Grande ideia Ravi! Nossa, vai ser lindo! Tantas crianças amam carros.
- E como a louca da Sônia soube que a professora era a mulher que quase nos separou?
- Na hora que ela começou a se apresentar, falar do extenso currículo. Dos trabalhos nas redes sociais...apareceu o perfil dela no Facebook, no telão. Então ela explicou porque não mostra o rosto e falou do link para o grupo restrito aos alunos...
- Te garanto que nunca fomos até o fim, acontecia sempre alguma coisa e eu desmarcava.

- Lembro que passou muitos dias fazendo hora extra. Eu fiquei ainda mais desconfiada.

- Mesmo me vendo cansado e sujo com graxa ainda nova na roupa. Mas te entendo minha loucura gostosa!

- Não tem como pensar coisas normais vendo meu homem receber chamadas e mensagens no WhatsApp de uma certa Gina...

- Agora somos alunos dela, por três meses. Tudo no ambiente virtual.

- Eu nunca te imaginei escritor.

- Nem eu. Fui ao seminário para conhecer o seu mundo amor, e me descobri dentro dele.

- Agora é que não deixo mais nenhuma piriguete se aproximar!

- Nem sou doido de permitir isso!

Sou um homem comum, vivendo numa cidadezinha qualquer. Tenho infinitos sonhos e amo a mulher mais linda, criativa, culta e inteligente.

Ravi Camilo Pereira é o meu nome, sou mecânico por paixão, foi o que fiz a vida inteira.

Ela nasceu primeiro, se chama Edna Vieira Nascimento. Escreve desde criança, agora é profissional na literatura infantil. Vinte anos nos separa do tempo. No entanto, a vida me trouxe ela no momento certo. E daqui, não vou deixar que ela saia.

Com ela vieram incertezas e um amor puro, ainda assim estou seguro e com ela irei viver até o fim da vida. Antes dela, eu não sabia se tinha um objetivo. Eu não tinha noção de quem sou, vivia adormecido.

Conversamos até alta madrugada. Antes, fizemos algo para comer e fomos tomar banho.

Quando tudo ficou esclarecido, segurei a mão de minha mulher amada e fomos para o quarto. Lá a conversa foi intensa, cheia de saudade. Foi conduzida pelo desejo de permanecermos juntos, sem sair um do outro. Porque esse amor nos transformou em eternidade.

Acabou o tempo ruim, as nuvens abriram um céu límpido e azul. Agora o tempo é de serenidade. É assim que acontece quando um homem descobre viver um amor puro, com toda a cumplicidade da vida a dois.

- Fazia um tempo que a gente não vinha aqui, minha maior loucura!

- Eu estava com saudade de um dia assim, Ravi.

- Isso sempre nos fez tão bem. Uma pena que o Domingo já está anoitecendo…

- E amanhece num fechar de olhos. Vamos logo para casa, homem!

- Ainda dá tempo de tomar outra água de côco?

- Acho melhor comprar o côco e levar para casa, vamos levar esses aqui também. Quero que você abra e eu tiro a polpa para gente comer bem tranquilos.

- Ótima ideia... essa minha mulher!

- Ainda, quero passar no supermercado e comprar côco seco para fazer uma peixada.

- Peixada no almoço? Meu amor, vou trabalhar só meio período então. Depois de uma peixada feita por você, fico sem disposição.

- Não invente moda! Almoço não tem nada a ver com faltar ao trabalho.

- Claro que ficar em casa depois do almoço teria mais motivos…

- Que vão esperar para o final do dia, como deve ser. (Disse o olhando firme nos seus olhos)

- Sua insensível!

Ravi era doido pela minha comida e a peixada deixava ele salivando.

Entramos no carro e ao chegarmos no supermercado ele me arrastou para o hortifrúti.

Fizemos umas comprinhas para abastecer as frutas e as verduras, sem esquecer os ingredientes da peixada.

O céu com sol e poucas nuvens, deu lugar aos tons róseos do finalzinho da tarde.

Acabou o Domingo, de acordo com o descrito em Gênesis sobre a criação. Quando o sol se vai, vem o novo dia.

Porém, no relógio do homem, faltavam seis horas para ser Segunda-feira. Em vinte minutinhos estaríamos em casa.

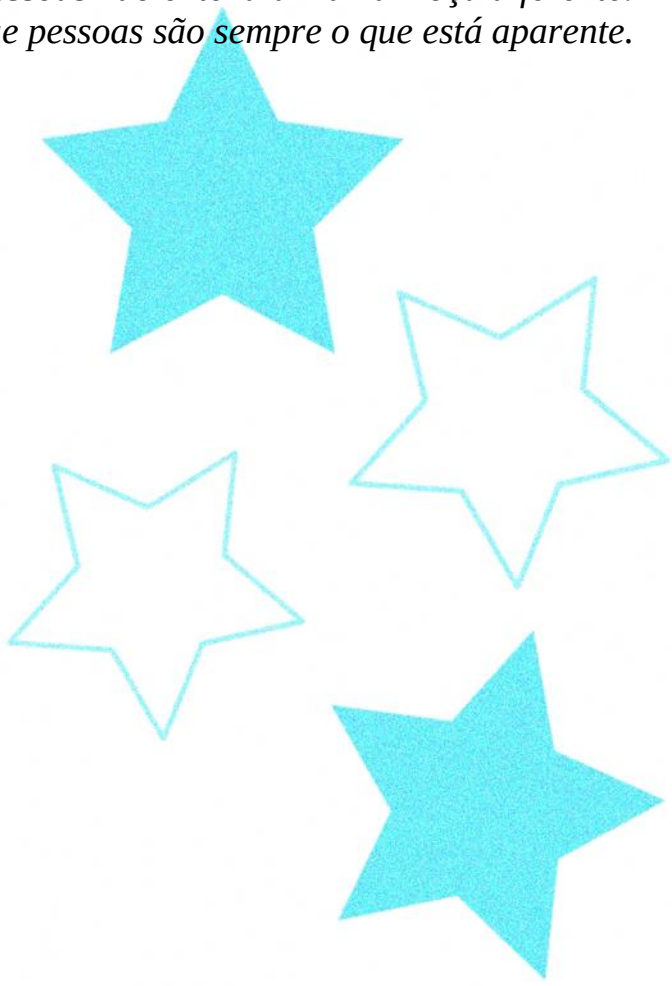
A gente estava feliz, o mau momento foi superado. Os nossos projetos com os contos estavam indo além do esperado.

As dúvidas cessaram. Acabou o meu medo de estar sendo usada para esquentar a cama com ele, até que aparecesse alguém que o despertasse novos sentimentos.



FIBROCITTY

Numa cidadezinha do interior, as pessoas não entendiam uma moça diferente.
Acreditavam que pessoas são sempre o que está aparente.



Nos arredores de um povoado, lá nos confins que liga Sergipe a Alagoas, vive a mais fibrosa menina. Uma pessoa que vive reclamando à toa.

Ela nasceu com toda saúde: gorda, bonita, bem cuidada. Quase não dava trabalho. Deixava seus pais dormirem tranquilos…

Então, eles aproveitavam e iam fazer mais meninos. A família era grande, menino de cobrir com um cesto, coisa de gente pobre. Tem nos filhos a maior das riquezas.

E crescia Ellenfibra, ficou uma moça tão bonita. Só que namorar para ela era coisa esquisita.

O cabra não podia amassar, apalpar, fazer as mãos passear. Tudo na Ellenfibra doía.

Ninguém percebeu quando nem o que trouxe a doença esquisita.

Ela vivia queixosa, comia e o bocado mal descia, já lhe causava agonia.

Era mesmo complicado, ninguém lhe compreendia. Como uma mulher nova podia não ser fogosa? Ainda mais sendo ela uma galega vistosa.

A moça não gostava de sair, evitava fazer esforço nas tarefas da casa.

De preguiçosa os irmãos e parentes lhe apelidaram.

Ainda cheia desses aperreios, a danada se apaixonou. Era muito chamego, loucura de amor. Por fim, o casal se casou. Ela já tinha seus dezoito anos e não muito mais que uns cinco anos, era mais velho o fulano.

Tudo parecia estar indo bem, até que ela embarrigou. Veio inchaço, dor, enjôo e tonturas. Ninguém estranhou, são coisas de mulher prenha.

E a vida de Ellenfibra, era mesmo muito sofrida. Ela vivia se perguntando: “Ô meu Pai que mal te fiz para viver essa vida doída?!”

Tudo parecia ser sequência das mudanças de fases. Só que na verdade, ela tinha uma doença não muito conhecida.

Tinha tempos que não tinha sofrimento com as dores. Dizia uma certa pessoa de sua família, ” não espalhe a vida da pobre Ellenfibra! ”

É difícil entender esse caso, uma mulher por fora toda enxuta, não ter vontade de fazer aquelas coisas que não vou escrever.

Mas que é difícil é, não dá para aceitar de cara que uma pessoa nova, bonita e sem machucados possa viver toda dolorida.
Certo dia, por aquelas bandas, apareceu um doutor muito experiente. E o povo daquela comunidade se dispôs a atender.

Ele acertou num momento de tortura que se encontrava a pobre.

O médico de coração nobre, foi até sua residência. Dispensou toda a presença dos parentes curiosos. Tadinha da Ellenfibra, não tinha mais vontade de ficar ainda mais bonita.

A mãe contou ao doutor que ela não era mesmo tão vaidosa. “Só que de uns tempos para cá, não estava nem aí para se cuidar. ”

O médico sondou todas as pessoas da família durante uma semana.

Quando inteirou dez dias no meio daquela família, Ellenfibra já apresentava alguma melhora.

Mas, antes dele ir embora, chamou a doente num canto da sala para uma consulta. Ela respondeu a cada pergunta. Nunca na sua vida alguém tinha parado para uma conversa assim.

O doutor disse que ela precisava cuidar melhor da alimentação. Devia comer mais coisas plantadas no quintal. Evitar coisas do supermercado, isso além de ser mais caro não faz bem a nenhuma pessoa.

E por ela ser muito sensível, teria maior prejuízo.

Seguiu com os conselhos. Quis saber coisas que só o marido podia saber. Bicho mais atrevido!

Mas ela viu que era para seu próprio bem. E falou tudo que vinha sofrendo pela vida toda.

“Pois, só muda o jeito de sofrer...uma hora dói o corpo. Tem dias que dói a cabeça. A vista anda turva. Tem dias que durmo fora de hora. E quando estou nos dias das coisas de mulher...só Deus sabe como é! ’

Daí o doutor falou que ela tem uma tal de Fibromialgia, e precisava cuidar de evitar tudo que pudesse facilitar a piora das dores e da fadiga.

Foi só assim que todo mundo ficou sabendo, que mesmo uma pessoa se parecendo sã pode ter uma doença séria. Que traz incapacidade.

E não tem remédio nem cura. Porém, a Fibromialgia não é frescura. Tem causas que variam de pessoa para pessoa.

A menina sempre foi gente boa, mesmo sempre cansada e reclamando de coisas à toa.

O doutor ficou no povoado por cerca de dois anos. Trabalhou para ajudar os moradores de Fibrocitty a respeitar pessoas que não têm disposição como a maioria. Ensinou que somos diferentes. Cada um tem um modo de viver, de sentir e de sofrer.

E mesmo com a Fibromialgia, é possível viver de boa, dentro das limitações de cada um.

A gente entendeu que a pobre Ellenfibra vivia sem saber o que tinha. Ela aprendeu a conhecer como seu corpo e suas emoções interagiam. E nós, tivemos que aprender como conviver com pessoas com necessidades diferentes. Isso não é ser do tipo que só reclama ou inventa doença.

Uma hora doía todo o corpo, outra hora não podia ver a luz do sol. E também qualquer suada deixava ela com dor nos ouvidos, tinha dias que pisar no chão era castigo. Troço mais esquisito!

E com o marido...bem, ela evitava fazer aquilo. Fiquei sabendo que tinha medo das dores.

Numa palestra o doutor disse que a tal doença ataca os hormônios (dá até medo mexer com esses troços!), que são eles que fazem o corpo funcionar bem. No caso dela, eles estão bagunçados. Tudo desregulado.

Por isso que a coitada vivia fases ruins: ora comia muito, ora evitava comer. Sempre alerta e sempre cansada.

Na intimidade, ouvi dizer que não sabia o que era prazer. Faltava um líquido para facilitar a safadeza.

Então, todo o corpo doía. Qualquer esforço lhe deixava machucada. Ô doença que maltrata!

Depois de saber de todas essas esquisitices, me arrependi das tolices que um dia disse com a pobre Ellenfibra. Agora sei que mulher de fibra mesmo é ela. Porque se ela pudesse escolher, jamais teria uma vida daquela.

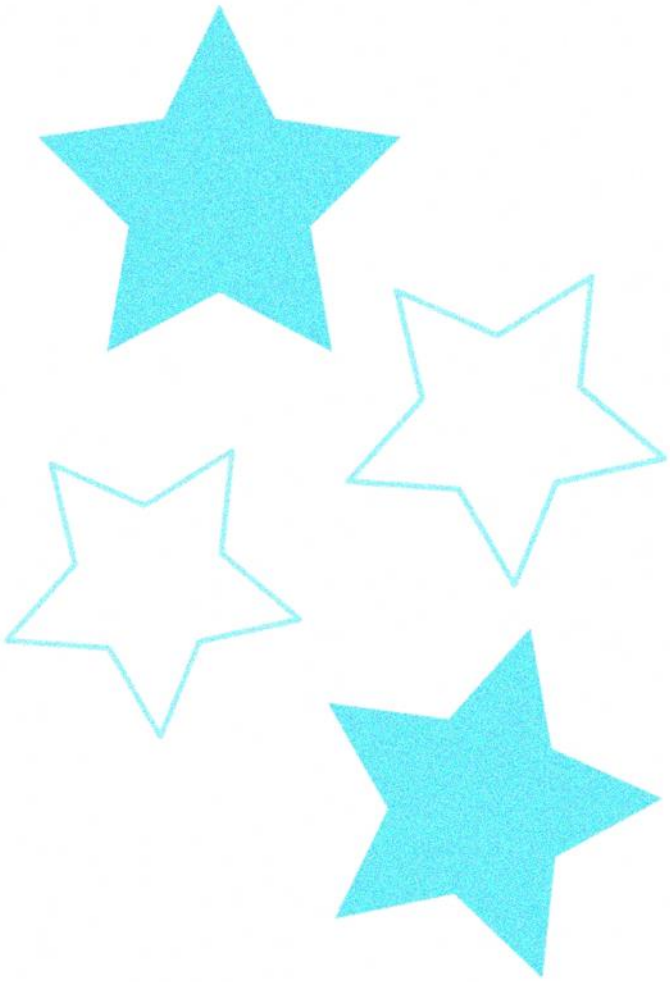
É preciso ser muito mulher. Falando nisso, a tal doença prefere as mulheres. Disse o doutor que para cada dez pessoas com Fibromialgia, só uma é homem. Pode um negócio desse?

Isso fez todo o povoado repensar, pois não se pode julgar as pessoas pela cara. Nem tudo que alguém sofre fala. Cada um vive enfrentando lutas para vencer diariamente suas batalhas diárias.

Assim segue a vida da Ellenfibra, mulher casada e mãe de um menino de três anos. Antes do doutor Cândido aparecer, nem ela sabia o nome do mal que vive a padecer. E não tinha uma alma boa com palavras de apoio para lhe oferecer.

Jesus, uma vida dessa ninguém merece. Somente sabe disso, quem sente.

Mas, bora vivendo daqui para a frente!





Há tempo para tudo, a qualquer tempo tudo pode mudar

HOJE PARECE DOMINGO

Na casa de Janine, as coisas eram sempre difíceis. Cinco filhos pequenos para alimentar, vestir e educar.

Todos os esforços pareciam ser em vão. O dinheiro nunca dava para todas as despesas, então ela se enchia de tristeza. Dormir não podia. Na cabeça estavam as preocupações do outro dia.

Mesmo morando em cidade pequena, o custo de vida desafiava sua capacidade de lutar por melhores condições.

Mas, foi sempre assim na vida de muitas famílias brasileiras no interior do estado do Piauí.

Seu marido, faz ‘bicos’ como servente de pedreiro. O trabalho é sazonal, por isso viaja para trabalhar em outras cidades.

E, já faz quase seis meses que ele foi para Brasília com uma construtora, tem serviço por quase dois anos.

Agora já dá para fazer uma feirinha melhor e pagar o aluguel. Mesmo fazendo algumas faxinas, a situação não tem muita melhora.

São noites cheias de preocupações e saudades que tira o sono da jovem mãe.

Mais um dia vencido, hora de comer com seus filhos. Forrar o bucho para depois de um tempinho ir dormir.

- Mãe, de novo esse peixe seco e salgado com farinha?

- Paciência Jonas, no fim do mês seu pai manda um dinheiro e a gente come melhor.

Seu coração de mãe ficava doído. Mas não tinha como mudar aquilo somente com a força do pensamento.

Quando o dinheiro era sacado, Janine fazia o que podia para dar o mínimo de luxo aos seus filhos. Por quinze dias, a comida tinha mais variedade. O arroz, o feijão e a farinha estavam sempre presente com ovos ou peixe seco.

Passados quase dois meses desde a última compra cheia de privações, Renato foi dispensado do serviço e voltou para casa.

Janine o convenceu de guardar um pouco do dinheiro da rescisão, para ajudar nas despesas, até que surgissem outras oportunidades para ambos.

Então o combinado foi comprar roupas e calçados para todos. Comprar feijão, arroz e farinha em saco. Por precaução. E para priorizar o aluguel, até tudo ficar mais leve.

O que ganhavam com os bicos, juntavam para pagar água, luz, gás e o aluguel. Os familiares ajudavam como podiam. Mesmo que depois falassem deles por onde andassem.

Janine, após muita luta, conseguiu ser aprovada no concurso da prefeitura. Agora trabalhava como gari. Renato ainda se desdobrava nas pequenas reformas, onde conseguia serviço por até trinta dias. Sem as formalidades na carteira de trabalho.

Agora, já era possível acrescentar macarrão, salada, fruta e algum tipo de carne. Mas, somente aos domingos, até quitar todas as dúvidas.

Mesa posta, todos bem acomodados. Janine arrumava o prato de cada filho.

Entregou o de Jonas, o mais velho. Depois o de Luzia, a mais velha das meninas. Na sequência de Joaquim. Depois de Ítalo.

Enquanto Janine distribuía a comida, Laila, de seis anos, estava com o ar pensativo. Em seu coração sabia que era um dia Terça-feira. Na mesa tinha comida diferente, comida que antes não tinha quase todos os dias.

Começou um falatório sobre vários assuntos, uns elogiavam a comida, outros diziam que ia querer mais depois…Luzia já dizia qual fruta era a dela.

Finalmente, Janine entrega para Laila o seu prato. Joaquim, olha para a mãe e pergunta se tem mais. Jonas diz que está tudo muito gostoso.

Laila diz bem tranquila: ” até parece que hoje é Domingo. ”

Seu pai olha na sua direção e diz: “Filha agora a gente pode ter carne e macarrão em qualquer dia da semana! ”

ALGUMAS INFORMAÇÕES:

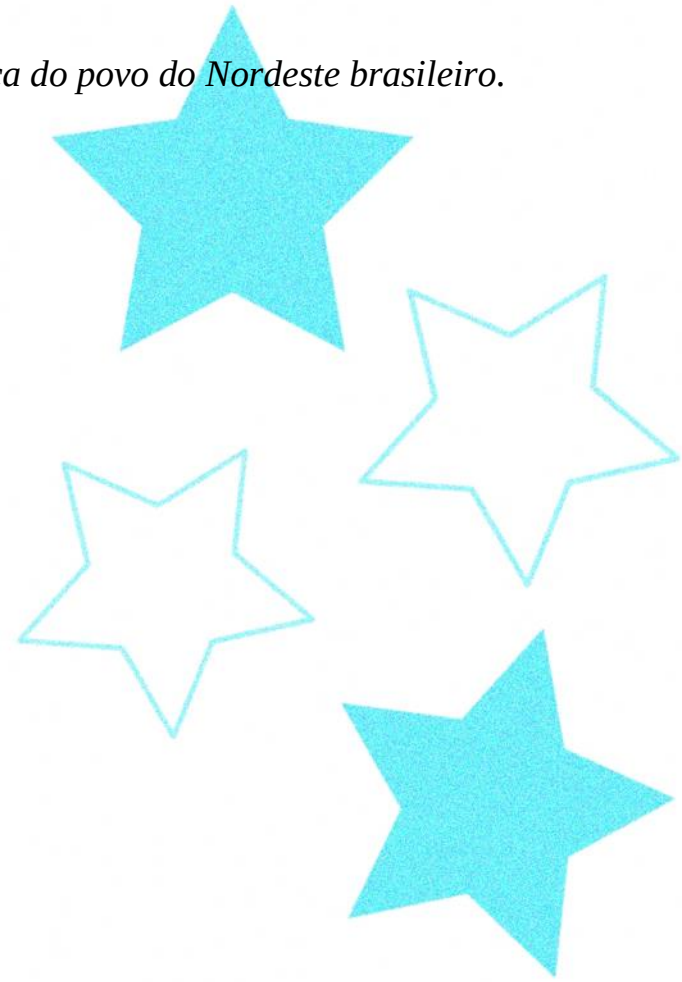
FIBROCITTY é uma cidade fictícia, criada para este conto.

FIBROMIALGIA: é uma doença caracterizada pela presença da dor generalizada e fadiga, entre outros desconfortos. Atinge cerca de 5% da população mundial. Sendo que as mulheres são as mais afetadas.

Pode ocorrer em qualquer idade. Embora, seja mais comum na faixa dos 40 anos. Não há exames laboratoriais que confirmem casos de Fibromialgia. Os exames são clínicos, verificando a sensibilidade nas articulações.

SERGIPE E ALAGOAS: são duas das 27 unidades federativas (UF) do Brasil. Isto é, dois dos 27 estados do país.

**A linguagem usada no conto é típica do povo do Nordeste brasileiro.*



BIOGRAFIA



Maria Valdelice Nunes dos Santos é brasileira, escreve desde sempre, como costuma afirmar. Uma vez que a poesia vive nela, o tempo só a tornou consciente disso. Nasceu e vive em Penedo-Alagoas, nasceu em 09 de julho de 1977. Tem duas filhas e quatro netos.

Valdelice Nunes é ativa nas redes sociais, sobretudo no Facebook. Onde gerencia e modera alguns grupos, desde 2019. A autora também escreve no Poetizando, seu blog, desde 2017. Seus textos são de gêneros diversos. Sua poesia tem estilo livre.

É co-autora de ***EPIFANIAS, POEMAS DE AMOR E SAUDADES***, autora de ***Poetizar pra Variar,*** ambos lançados em 2021. O primeiro em e-book, o segundo no formato físico. E não pretende parar de escrever tão cedo.

Quem Somos?

Jøfráseø-Editora é uma comunidade literária Angolana, voltada na expansão e na divulgação de novos escritores, isso por meio de publicações de livros. Foi fundada aos 20 de fevereiro de 2019 por ***Jóseo Tshespiry*** e ***Eufrásio S'teper***. O nome Jøfráseø surgiu da Junção dos nomes ***Jóseo + Eufrásio = Jøfráseø***, e os mesmos ao lado de ***Luduvina Zamúdia*** são as grandes figuras que trabalham arduamente para o engrandecimento da Editora e na publicação de belas obras literárias**.**

E-mail: Jofraseoeditora@gmail.com

Visite a nossa página do Facebook: **Jøfráseø – Editora**

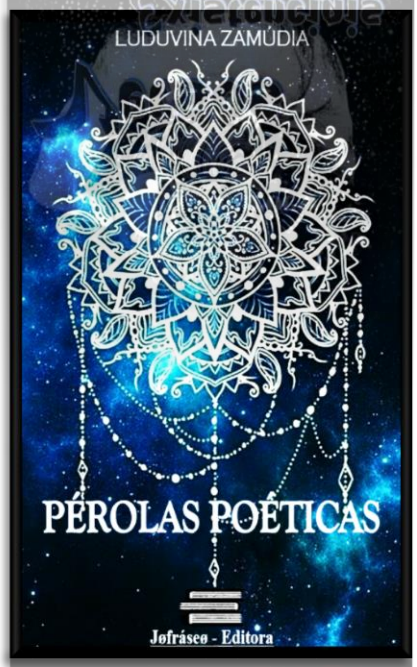
Faça o download de nossas obras, clicando
Nos seus respectivos links:



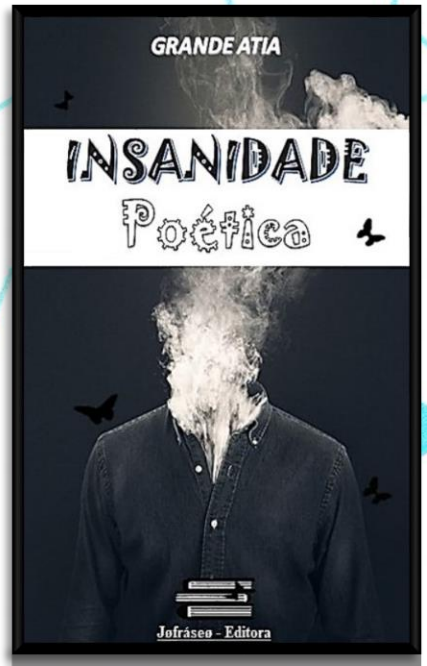
https://www.mediafire.com/download/5rgtkksk65wvdgz



https://www.mediafire.com/download/p7sese37bovq7y6



https://www.mediafire.com/download/70nb8chu9t34cju



https://www.mediafire.com/download/ud9z6nz4q4y4o5z